

A partidarização da bactéria

A lógica do movimento requer a ativação constante de sua base social e a partidarização de tudo que favoreça tal objetivo, promovendo guerras culturais

Claudio Couto

CartaCapital, 14.05.2026.

Durante os últimos anos, nos acostumamos a testemunhar repetidos factoides criados pela ultradireita, seja o bolsonarismo, sejam outros grupos extremistas, como o MBL. Por vezes tais episódios ocorrem no âmbito de interações humanas diretas, como em provocações e assédios a desafetos ideológicos, sempre registrados em vídeos que possam ser replicados no mundo virtual. Assim, provocadores e assediadores se apresentam como justiceiros em defesa da moralidade pública e vítimas do que seria a intolerância de seus alvos, pegos em armadilhas quando reagem a agressões sofridas. O esculacho no mundo real torna-se lacração no virtual, excitando seguidores, que podem dar vazão a seus instintos mais primitivos.

Noutras ocasiões, os episódios têm lugar somente no mundo virtual pela disseminação de desinformação, tanto na forma de mentiras puras e simples quanto por insinuações e distorção de fatos, apresentados descontextualizadamente ou interpretados de forma descabida, porém conveniente à narrativa extremista. Exemplo disso foi a campanha do deputado Nikolas Ferreira (PL-MG) contra a fiscalização de movimentações do PIX acima de certo valor, medida necessária para combater a lavagem de dinheiro pelo crime organizado. Em vídeo disseminado nas redes, o deputado insinuava que o governo taxaria transferências e bisbilhotaria movimentações financeiras dos cidadãos. O impacto foi tão negativo para o governo Lula que levou o presidente a determinar o cancelamento da medida, decerto agradando ao extremismo de direita e ao crime organizado, que se abraçaram.

O último factóide da ultradireita brasileira foi produzido no contexto de uma fiscalização da Agência Nacional de Vigilância Sanitária sobre a Química Amparo, fabricante dos produtos de limpeza da marca Ypê. Técnicos da agência identificaram que os itens eram fabricados em precárias condições de higiene e lotes de uma série de produtos estariam contaminados pela bactéria *Pseudomonas aeruginosa*, micro-organismo muito resistente a antibióticos. Cidadãos com baixa imunidade ou ferimentos poderiam ser vítimas, caso manipulassem produtos contaminados, correndo o risco de infecções que, em alguns casos, poderiam ser graves e até mesmo levar a óbito.

O que seria apenas uma ação técnica rotineira, de um órgão cuja missão inclui justamente identificar tais riscos e tomar as devidas providências, tornou-se um cavalo de batalha ideológico para disseminar teorias da conspiração, segundo as quais a empresa química seria alvo de perseguição política. Como seus controladores apoiaram financeiramente a candidatura presidencial de Jair

Bolsonaro em 2022, além de promover assédio eleitoral contra funcionários (acarretando condenação pela Justiça do Trabalho), políticos, influenciadores e mesmo cidadãos comuns de ultradireita iniciaram campanha em defesa da companhia, alegando que a medida da Anvisa seria retaliação do governo Lula contra o bolsonarismo de seus dirigentes. Ao que parece, para bolsonaristas e assemelhados, a *Pseudomonas aeruginosa* é de esquerda.

Este episódio explicita o *modus operandi* da ultradireita no Brasil e alhures. A lógica do movimento requer a ativação constante de sua base social e a partidarização de tudo que favoreça tal objetivo, promovendo guerras culturais. Por isso, nem sequer bens de consumo escapam à dinâmica e qualquer coisa que pareça passível de ideologização, assim será. Ocorreu com os chinelos Havaianas, com o biscoito Bis e, agora, com os produtos Ypê. A contrapartida, além do pânico moral criado, é promover produtos concorrentes daqueles identificados com a esquerda, punindo as marcas ideologicamente desalinhadas, bem como premiar os identificados com a direita. Não à toa, houve até quem se filmasse bebendo detergente no gargalo.

A construção dessas dinâmicas e teorias da conspiração funda-se em afetos, identidades e crenças. A emotividade ideológica, a identificação com um grupo político e os credos prévios levam a aceitar certas narrativas e importam mais que a consideração racional de fatos. Foi assim durante a pandemia com o negacionismo em relação ao perigo do vírus ou às mortes por ele causadas – houve quem acreditasse que caixões eram recheados com pedras e tijolos para simular os óbitos – e com a prescrição do “tratamento precoce”. Portanto, este evento, embora inserido na campanha eleitoral, não se restringe a ela. Integra uma dinâmica constante da ultradireita, inclusive quando no governo, como vimos no quadriênio presidencial bolsonarista. •

Publicado na edição nº 1413 de *CartaCapital*, em 20 de maio de 2026.